

A esquerda equatoriana, ecologista e feminista, que o Podemos não gosta

O correísmo não gosta do fato de que o líder do movimento Pachakutik, Yaku Pérez, nascido Carlos Ranulfo Pérez em Cuenca há 52 anos, se autodenomina Yaku Sacha (água da montanha, em Quechua). Juan Carlos Monedero, co-fundador do Podemos, que esteve no Equador nas recentes eleições presidenciais como observador, tampouco. Há uma esquerda no Equador, ecologista e feminista, que o Podemos não gosta. É uma ameaça para o candidato do correísmo, Andrés Arauz, que representa a verdadeira esquerda progressista, antes bolivariana.

Em uma entrevista com Orlando Perez, em seu programa En Clave Política, Monedero, disse após o primeiro turno eleitoral. “Minha grande surpresa é que uma pessoa que li, espero estar errado, que teve concessões de mineração mudou seu nome, porque toda sua vida ele foi chamado de Carlos Perez e agora ele se chama Yaku Perez. Mudar seu nome é uma armadilha, ele está tentando enganar. Agora ele se apresenta como ecologista, anti-mineração, ecologista, mas ele tinha concessões, ou assim eu li”. Orlando Pérez elogia Monedero, com quem é claro que ele compartilha uma visão do mundo.

“Eu vi aqueles que estavam ao seu redor e não havia povos indígenas e pela composição social que podia ser vista, eles não eram indígenas, porque eram da classe média alta. De onde vem Yaku Pérez se não da constatação da candidatura de Lasso, que ele não podia vencer?”, acrescenta Monedero nesta entrevista em En Clave Política.

A resposta mais contundente foi dada pelo ex-guerrilheiro e membro da Comissão Nacional Anticorrupção Juan Cuvi em um artigo intitulado O que nos faltava: uma esquerda franquista:

“Seu discurso desqualificante contra Yaku Pérez é um elogio ao franquismo: racista, supremacista e colonialista. Monedero ficaria feliz em expor Yaku Pérez em uma jaula, vestida com penas e tanga, a fim de honrar seu status indígena. Como os monarcas católicos fizeram há cinco séculos”.

Na realidade, Monedero se expressa na mesma linha paternalista que Rafael Correa expôs repetidamente durante seu tempo no poder. “Esta é a segunda vez que visito nossos povos nativos. Mas como há líderes indígenas que não têm espaço para o poder, que não podem nos dominar, que não fazem o que querem, eles dizem que somos inimigos dos povos indígenas. Não! Somos muito amigos dos povos indígenas, veja quantos indígenas há aqui em Imbabura. É uma das províncias com maior porcentagem de indígenas no país e onde obtivemos a maior porcentagem de votos nas últimas eleições, essa é a resposta para tanta falsidade, certo? O que acontece é que não vamos aceitar que ninguém, por mais corajoso que pense ser, imponha sua agenda”.

A alternativa são os meus

Monedero fala de “narrativas alternativas que dão esperança”. Mas ele não se refere à da Yaku Pérez, porque, segundo sua teoria, este tipo de forças nasce do modelo liberal para fragmentar a candidatura alternativa.

“É muito complicado lutar contra uma candidatura que sai de seu próprio corpo quando toda a mídia a apoia”, diz Monedero, que reproduz palavra por palavra os argumentos usados pelo ex-presidente Rafael Correa em uma entrevista em seu programa La Frontera.

Para Correa, mais de três ou quatro forças competindo politicamente não é democracia, mas uma despesa e uma perda de tempo. A democracia faz sentido se ela contribui para o desenvolvimento”, diz Correa, que não pôde competir nestas eleições porque foi condenado por corrupção, “Temos que entender Podemos com a ideia de amigo/inimigo, e um terceiro

ator não tem lugar lá”. A política populista é, acima de tudo, maniqueísta”.

Para o correísmo, e para Podemos, é um caso de perseguição política, o que eles chamam de lei (conluio de juízes e outras instituições para dinamizar as opções políticas dos partidos progressistas).

“Temos que entender Podemos com a ideia de amigo/ inimigo e um terceiro ator não tem lugar”. Correa é um dos seus próprios. Se você não está com Correa, você está contra eles. A política populista é, acima de tudo, maniqueísta. Yaku Pérez representa uma terceira opção. Para eles, ele não tem lugar”, diz Francisco Sánchez, diretor do Instituto Ibero-Americano.

A indigenofobia de Correa

Qual é o problema com a Yaku Perez? O problema é Rafael Correa, que queria que seu candidato, Andrés Arauz, vencesse no primeiro turno. Mas ele não superou 40% e mais de dez pontos no segundo. Com tantas opções, o cidadão pode escolher além de seu inimigo declarado, o neoliberalismo, e então os problemas surgem. As alternativas.

Correa não esquece como a Yaku Pérez disse em 2017 que preferia “um banqueiro a uma ditadura”. E acrescentou que estava se referindo ao governo de Correa: “Ele nos despojou de nossos territórios, declarou estado de emergência, nos prendeu na prisão”.

Como a cientista política Sofía Cordero escreve em um artigo intitulado Yaku, A Longa Espera, a vitória de Correa em 2006 “significou a exclusão do movimento indígena da vida pública pelo Estado”. Dez anos se passaram com Correa no leme, no qual CONAIE e Pachakutik, que havia nascido em 1996 como braço político-eleitoral, observavam os acontecimentos de lado, vítimas de repressão e perseguição. O Estado Plurinacional sem povos indígenas nasceu como uma contradição na mesma Assembleia Constituinte onde a tecnocracia teve suas primeiras

sedes em um luxuoso complexo em Montecristi. Para que não haja dúvidas, o Presidente Correa em seu discurso final advertiu sobre os perigos do “esquerdismo, do ambientalismo e do indigenismo infantil”.

Lutar para chegar ao segundo round

No primeiro turno, em 7 de fevereiro, o candidato de Correa, Arauz, obteve mais de três milhões de votos (32,72%), o que não foi suficiente para evitar um segundo turno. Os outros dois candidatos, o banqueiro Guillermo Lasso e o advogado Yaku Pérez, travaram uma feroz batalha pelo segundo lugar.

Os últimos dados do Conselho Nacional Eleitoral indicam que a Lasso teria 19,74% dos votos e Perez 19,38%. Há apenas a possibilidade de um recurso. Mas tudo indica que a Lasso irá competir com a Arauz em 11 de abril pela presidência. Em qualquer caso, Pachakutik será a segunda força parlamentar e atuará como oposição no Legislativo.

O Equador é um dos países da América Latina com os piores dados sobre o número de pessoas infectadas e mortas pelo coronavírus, com mais de 215.000 casos e mais de 15.000 mortes, de acordo com dados da Universidade Johns Hopkins. A contração da economia é de cerca de dez pontos, portanto, o voto de protesto tem sido relevante.

Yaku Perez está exigindo uma recontagem parcial, que Lasso primeiro concordou e depois se retraiu. O finalizador em quarto lugar Xavier Hervás da Izquierda Democrática, com mais de 15%, também está pedindo uma nova revisão dos votos.

Yaku Perez está liderando uma marcha que partiu do sul do país, Loja, e está indo para Quito. Ela chegará nesta terça-feira à capital e exigirá a revisão dos votos.

Yaku Perez é apoiado por uma grande parte do movimento indígena, a poderosa CONAIE (Confederação Nacional de Nacionalidades Indígenas do Equador). Ele é o candidato de

Pachakutik, o braço político-eleitoral do movimento indígena do Equador. Ele lidera a Ecuarunari, a organização dos povos indígenas das terras altas. Sua mensagem ambientalista repercutiu nos jovens, fartos da polarização entre o populismo de Correa e a mensagem conservadora.

Não é do interesse do correísmo que a Yaku Pérez vá para o segundo turno porque ele é um candidato mais sólido do que Guillermo Lasso, que tem apoios sólidos. Ele poderia atrair os eleitores do Hervás, e até mesmo alguns dos eleitores da Lasso que o prefeririam ao retorno de Correa.

Yaku, anos de luta e oposição a Correa

Ou Monedero não o sabe ou prefere ignorá-lo, mas Yaku Pérez não é um recém-chegado à política. E nenhum indígena equatoriano duvida de seu indigenismo. Assim como nenhum equatoriano desconhece que ele sofreu repressão e prisão quando Rafael Correa estava no poder. Durante sua década como presidente, o movimento indígena sofreu perseguição por sua luta contra a extração mineira.

Nos anos 90, Yaku Pérez, doutor em jurisprudência especializada em justiça indígena, direito ambiental e direito penal, começou a participar da CONAIE. Em 1996, ele foi eleito vereador em sua cidade natal, Cuenca. Em 2002 ele participou dos protestos contra Lucio Gutiérrez por sua tentativa de privatizar a água.

Durante a administração de Correa, em 2011, ele foi acusado de sabotagem e terrorismo por um protesto contra o projeto de mineração Quimsacocha. Entre 2013 e 2019, ele lidera o Ecuarunari (Equador Runakunapak Rikcharimuy, Movimento dos Povos Indígenas do Equador), a organização dos povos indígenas da região serrana. Ele participou das primárias presidenciais de Pachakutik em 2017, mas fracassou.

Em 2019 ele foi prefeito de Azuay. Ele promoveu uma consulta contra a mineração. Nesse mesmo ano, ele participou da revolta

indígena que rejeitou as exigências do FMI e as exigências econômicas do governo de Lenín Moreno. Após estas mobilizações, sua figura ganhou popularidade e conseguiu ganhar a indicação para a candidatura presidencial.

“Yaku Pérez é mais moderado e tem sido capaz de vender bem seu discurso, especialmente aos jovens, mobilizados pela deterioração do meio ambiente. Agora seu voto é mais transversal. Muitos jovens também optaram pela esquerda democrática”, diz Carlos Malamud, um pesquisador sênior do Elcano Royal Institute.

Segundo Malamud, “Podemos está comprometido e adora o bezerro de ouro do projeto bolivariano”. Para eles, seu candidato é Correa ou Arauz, o que é a mesma coisa. Qualquer outra opção é demonizada. Eles têm um medo visceral do Yaku Perez. Eles têm contatos com o correísmo e contatos significam a capacidade de influenciar.

Correa, que está ligada aos bolivarianos ou ao Socialismo do século XXI ou ao Grupo Puebla, desprezou as exigências dos ambientalistas e não defende as exigências feministas, como o direito ao aborto.

“Pachakutik e a Esquerda Democrática conseguiram representar em chave não conservadora as críticas que foram levantadas contra o correísmo de múltiplos setores: movimentos de mulheres e LGBTQ, ambientalistas, trabalhadores, assim como partidos conservadores e a mídia”, diz a cientista política Sofía Cordero na Revista Anfibia.

Cordero explica como a articulação internacional da esquerda latino-americana com particularidades em cada país não interessa àqueles que, como Podemos, querem criar uma frente comum. “É uma elite internacional que tira proveito disso sem entrar em cada país”. Se Podemos estivesse realmente interessado no que aconteceu no Equador, não precisariam mais do que algumas horas para perceber as diferenças com a

Bolívia, para saber quem é Yaku Perez e como Correa tem governado”.

A ligação entre os progressistas, como os bolivarianos agora se apresentam, também tem implicações econômicas. A maioria desses partidos na Bolívia, Venezuela, Equador e Espanha, trabalhou com a empresa de consultoria mexicana Neurona, que estava encarregada da campanha Podemos. O juiz Escalonilla está investigando na Espanha se a Neurona é uma fachada para financiar os bolivarianos. Juan Carlos Monedero está sendo investigado por uma suposta fatura falsa de 26.000 euros e uma receita de 18.000 euros em sua conta, vinda de Neurona.

Em uma entrevista recente, Yaku Pérez se descreveu como o porta-voz de “uma ideologia de esquerda que não persegue e criminaliza o protesto social e amordaça os jornalistas, mas uma ideologia de esquerda que promove o meio ambiente e um senso de comunidade; uma ideologia de esquerda que não vê a natureza como algo inerte que pode ser explorado, mas um ser vivo ao qual todos nós pertencemos”.

Eles defendem uma economia social e solidária, mas que não rompe com o capitalismo. Tudo gira em torno do ambientalismo. Eles são contra qualquer agressão contra o meio ambiente.

A antiga companheira de Yaku Perez, Manuela Picq, que tem sido uma figura relevante no último trecho da campanha eleitoral, disse à CNN que o candidato de Pachakutik representa uma opção que não tem nada a ver com a esquerda bolivariana, uma vez que o movimento indígena é assembleista e multipolar.

“Somos de esquerdas, mas nunca autoritários”. A esquerda bolivariana é autoritária. A esquerda de Yaku é uma esquerda plural, porque os povos indígenas são diversos e pensar diferente é inerente aos povos indígenas. É uma esquerda que defende a água, é uma esquerda de muitos coletivos, e é uma esquerda anti-extrativista e contra a crise climática”, disse ele.

Manuela Picq foi expulsa do Equador pelo Presidente Correa em 2015. Seu crime foi participar de uma demonstração do movimento indígena como estrangeira (ela é franco-brasileira). O retorno do correísmo será um acerto de contas. O autoritarismo voltará.

É a essência deste movimento esquerdista que está abalando o correísmo. Como Sofía Cordero nos diz de Quito, “a esquerda oficial vê uma forte ameaça na Yaku Pérez, porque é uma posição da esquerda”. Ele apela para questões muito sensíveis como os direitos ambientais. O correísmo é anti-ambientalista. Sob Correa, se explorou em grande escala. E os oponentes do extrativismo foram reprimidos. Outra questão sensível é a dos direitos da mulher: a legalização do aborto, por exemplo. Também o direito à liberdade de imprensa. É uma linha de restrição das liberdades. É uma tendência autoritária.

É por isso que existe o medo de que Arauz, e portanto Correa, vença. “O retorno do correísmo seria um ajuste de contas. Eles anularão as condenações que têm contra ele. E se eles acabarem com a dolarização, iremos para a Venezuela. O dólar é o que nos salvou até agora porque ele é estável e não perde valor. O autoritarismo voltará”.